



Mercador de cabeças

Já era a terceira vez que falhava. A terceira vez! Ele já havia se decidido, se não conseguisse na próxima tentativa, abandonaria de vez sua ambição de tornar-se mercador de cabeças. Na verdade, não se importava nem um pouco com a profissão, queria mesmo era o status que acompanhava os que ingressavam na ordem. Não podia ser tão difícil passar no maldito teste. Fazer um corte preciso não era algo que necessitasse tanta perícia, somente um pouco de sangue-frio e atenção. Alguns diziam que era preciso também alguma coragem, mas isso ele já sabia que não tinha. Jamais teria coragem de cortar a cabeça de alguém. A quarta seria sua última tentativa; se falhasse de novo, estragando a cabeça como fez com as outras três, seria obrigado a desistir. Se quisesse continuar vivo, só poderia abrir



mão de mais esta. Era melhor continuar vivo, mesmo com uma só cabeça, do que permanecer com as cinco sem prestígio algum. Visgo realmente arriscava alto para coroar-se de glória, ou de ridículo. Infelizmente, ainda que tudo desse certo, só teria uma cabeça para coroar.



Sabia que não devia ter entrado naquele *saloon*.

Tenho a tendência de ignorar meus presentimentos e ir em frente para ver no que vai dar. Sempre confiei muito na carne e pouco no espírito, coisa que ainda vai me encrencar qualquer dia desses.

Pensei que o local estivesse menos cheio do que realmente estava. A cidade quase abandonada não indicava que o lugar teria aquela multidão se acotovelando para desfrutar dos pobres prazeres oferecidos ali. *Belle's Saloon* tinha um ambiente sufocante, uma fauna de pessoas que pareciam ter vindo de lugares diferentes e marcado um encontro para gozarem seus últimos minutos de vida. Tocava uma daquelas músicas típicas de bar. Dois pianistas se revezam, tocando ritmos alegres, e pareciam descontentes ao ter de ceder a vez ao colega. O consumo de cerveja, uísque, cigarros e charutos corria solto. Já estava conformado em fazer a refeição de pé, mas, para a minha surpresa, havia uma mesa intocada, como que me aguardando.

Na mesa ao lado da qual sentei, o carteadado parecia tenso, e me limitei a espiar com o canto do olho. Desejava o mínimo contato com aquele pessoal estranho. Comer o máximo que podia, descansar o corpo por meia hora enquanto apreciava um bom uísque e retornar para a estrada empoeirada era tudo que eu queria. Ainda gastaria um bom tempo revisando as patas da minha montaria e alimentando-a.

Uma simpática garçonete veio anotar o meu pedido.

– Aproveite o dia, forasteiro, pode ser o seu último. Não gostamos de forasteiros por aqui. E a comida é ruim.

Ok. Não era tão simpática assim.

Felizmente, eu me dava bem com a minha arma e vendia caro a minha pele, de modo que não me preocupei com as recomendações da mulher. O prato do dia consistia em feijões, batatas e carne, tudo cozido junto, com um pouco de sal. A fome dos dois dias de viagem a cavalo à base de biscoitos achou o prato ótimo, e fiquei aguardando pacientemente enquanto meu estômago reclamava com gritos terríveis. Já discutia comigo mesmo, e estava ganhando: argumentava que devia deixar de ser tão desconfiado e parar de acreditar nessas histórias de pressentimentos. Então, ouvi um grito pavoroso – além dos do meu estômago, quero dizer. O salão inteiro pareceu não ter ouvido nada e, devido ao meu histórico no que se refere a gritos, cansaço e dois dias de privações, achei que podia tratar-se apenas de alguma

alucinação – talvez, o lado que estava perdendo na minha discussão interna tivesse resolvido apelar e tratado de gritar feito uma mulherzinha.

A partir daqui, talvez seja melhor explicar algumas coisas. Meu nome é Jeremiah, Jeremiah Duncan. Conhecido como “O Profeta” em alusão ao personagem do velho testamento. Desde pequeno tenho certos pressentimentos. Devido a uma natureza um tanto cética, porém, nunca dei muita importância a eles, com exceção de duas ou três vezes, em situações, como aquela em que tirei todos os animais do estábulo da casa de meu pai sem nenhuma razão aparente e, meia hora depois do início de uma tempestade inesperada, um raio atingiu o estábulo e queimou tudo até o pó. Eu já era adolescente nessa época e a fama correu Jack’s Land, nossa pequena cidade. Após alguns meses de celebridade e meia dúzia de exorcismos executados pelo padre local (permitidos por meu pai, que era muito religioso, como meu próprio nome atesta), percebi que nunca mais iria me livrar daquele apelido, e que não deveria de forma alguma revelar quaisquer pressentimentos que viesse a ter, se não quisesse complicar ainda mais a minha, até então, curta vida. Assim que consegui segurar com firmeza uma arma nas mãos, deixei a cidade na esperança de que não me olhassem mais com aquela cara que parecia dizer “que sujeito estranho!”.

Infelizmente, como já mencionei, o apelido me perseguia por onde quer que eu parasse por mais de algumas horas, coisa de outro mundo, talvez, literalmente.

Acabei aceitando-o, mesmo a contragosto. Outra coisa que trago da infância e da qual não consegui me livrar, graças ao meu irmão mais velho, é o meu horror a gritos: fico paralisado, sem ação, quando ouço gritos. Meu irmão fazia a inocente brincadeira de me acordar todos os dias com uma série de gritos horrendos no meu ouvido. Fiz de tudo para que parasse, ignorei, pedi, implorei, até paguei, fazendo o serviço dele na fazendola da família. Nada deu resultado, e todo santa manhã, no quarto que dividíamos em nossa casa, meu irmão se divertia gritando e debochando do menino estranho que ocupava a cama de baixo. Outro motivo que me fez sair cedo de casa.

Então, dá para entender o porquê destas duas dificuldades: negar e até lutar contra esses tais pressentimentos e odiar gritos.

Gritos são meu pesadelo.

Pois bem, eu estava sentado naquele *saloon*, aguardando minha comida, quando ouvi o tal grito, que resolvi ignorar para o bem de minha sanidade mental. Mas, quando ouvi o grito pela segunda vez, voltei ao velho hábito de ficar paralisado. Era um grito agudo, porém tinha um toque grave no fundo. A comida chegou junto com uma piscadela da garçonete. Forcei-me a dar uma garfada no prato de aspecto escuro que foi colocado à minha frente, precisava de um choque de realidade. A comida estava quente e picante. Apesar de antipática, a garçonete não era mentirosa. A temperatura e a pimenta certamente pretendiam disfarçar

o gosto ruim. A pimenta desceu rasgando a garganta e chegou ao estômago como pólvora seca.

Não sei exatamente o que aconteceu, mas, de súbito, o ambiente pareceu ter se tornado mais amigável ou, pelo menos, mais solidário com o pobre viajante faminto e cansado. Foi quando um caubói puxou a cadeira à minha frente e sentou-se mesmo sem ser convidado.

– Bom dia, amigo! Como vão as coisas lá fora? – perguntou ele, abrindo um sorriso amarelo repugnante.

– Como assim, “lá fora”? Lá fora onde?

– Lá fora, você sabe, fora do *saloon*! – o hálito do sujeito começava a ser impossível para mim, cheiro de podre, de carniça.

– Por que você mesmo não vai “lá fora” e dá uma olhada?

– Hahaha! Muito boa essa! Eu mesmo ir lá fora! Você é demais! Impagável!

O cheiro de podridão me envolveu como uma nuvem.

Fui salvo pela garçonete antipática.

– Chispa, Luke!

– Mas Lucy, esse cara é demais!

– Chispa, já disse! Vai arranjar o que fazer e deixa de incomodar o novato!

– Ok. Aproveite o dia, novato.

Lucy sentou-se assim que o sujeito fedorento saiu resmungando.

– Qual é o problema desse cara? Além do cheiro, claro.

– É uma fase difícil para o Luke, sei como é, já passei por algo parecido.

– Você já teve esse cheiro de podridão e saiu por aí dizendo bobagens para estranhos? Duvido.

– Não duvide de nada por aqui, novato. Tem gente, na nossa humilde casa, que confia muito em você pelos mais variados motivos.

– Confiam em mim? Mas eu recém cheguei! E, apesar de competente com a arma, não passo de mais um nessa selva que é o oeste.

– Você tem outros talentos importantes, e sabe disso.

– Sei, mas não quero saber.

– Olha, novato, eu estou cansada dessa vida, ou seja lá o que for isso que tenho aqui, espero que você resolva de uma vez essa situação. Como disse antes, tem gente por aqui que aposta que você é o tal, que vai mudar a situação de todo mundo. Outros acham que você vai fazer com que a situação fique exatamente como está, de modo definitivo. E a chefe, a dona do *saloon*, pensa que você vai conseguir desfazer tudo de maneira a beneficiá-la. Como pode ver, muita gente confia em você nesse lugar. Ah! É claro, há os que não estão nem aí para você e só querem ver o circo pegar fogo.

– E você está em qual grupo?

– Já disse, novato, quero acabar com essa porcaria de vida que me arranjaram.

– Que história é esse de novato? Não sou mais forasteiro?

– Não mesmo, quando comeu da nossa comida, tornou-se um de nós, infelizmente para você. O *saloon* das aberrações ganhou mais um frequentador, e a Mama Belle o espera no alto das escadas. Sinto muito não ter avisado sobre o problema em comer da nossa comida. Eu disse que a comida era ruim, você é que não quis ouvir. Eu teria avisado de outra forma se a Mama não tivesse ouvidos em cada lasca de madeira.

– Lucy! – gritou a mulher no alto das escadas. – Peça ao nosso convidado que suba imediatamente!

– Essa é Mama Belle?

– Sim, é a dona do boteco, e sua nova dona. Aproveite o dia!

Pisquei várias vezes depois que olhei para a mulher que me dava as costas no alto da escada e caminhava provocantemente para dentro de seu escritório. Subi as escadas com calma, mas uma nova sensação de visão dupla se apoderou de mim, deixando-me tonto. Já tinha sentido, e ignorado, aquela sensação por breves instantes quando criança, mas o que acontecia agora era muito mais intenso e, provavelmente, mais importante do que das outras vezes. Seria cômico se não fosse apavorante: com o olho esquerdo, a escada tinha aspecto brilhante e luxuoso, como se o salão tivesse recém sido inaugurado; com o olho direito, eu via uma escada suja, mal conservada e com pontos apodrecidos em quase todos os degraus. Temi pela minha sanidade naquele momento, e pelo que veria quando encarasse a mulher no escritório.

Como só uso a minha coragem em situações extremas, e a minha tendência cética ainda acreditava que estava tudo sob controle, resolvi ingressar no escritório com o olho direito tapado.

Era um escritório grande, tinha as paredes forradas com madeira escura. Uma prateleira cheia de livros dava um toque de classe ao local. Sentada atrás de uma ampla mesa de carvalho, estava uma linda – mas linda mesmo! – mulher. Devia ter mais de trinta e menos de quarenta anos. Dona de uma pele amorenada, tinha longos e sedosos cabelos pretos até quase a cintura. O rosto com traços africanos revelava uma mulher acostumada a ser obedecida. Usava um vestido comprido verde-escuro com toques florais timidamente estampados em diversos lugares. Quando falou, com voz suave, mas plena de autoridade, senti-me como um cachorrinho aguardando a ordem para ir buscar seus chinelos.

– Jeremiah? Vulgo “O Profeta”?

Resolvi destapar o outro olho antes de responder, apesar da ânsia de não deixar aquela mulher sem uma resposta imediata. Era melhor procurar entender o que estava acontecendo e ganhar algum autocontrole antes de dizer qualquer besteira que me compromettesse.

Felizmente, a expectativa superava a realidade no quesito “horror”, mas é verdade que não encontrei um mar de rosas. Meu olho ruim vislumbrou um quarto escuro, iluminado apenas com meia dúzia de velas brancas. Parte do revestimento de madeira das paredes havia desaparecido, a escrivaninha imponente não

passava de um móvel velho e carcomido, a estante trazia ainda alguns livros, mas eles tinham aparência decaída e eram escritos em outra língua. A mulher ainda trazia a mesma aura de autoridade e temor, mas aparentava uns trinta anos a mais. Os cabelos continuavam longos, mas o viço os havia deixado há muitos anos e o negrume era entremeado com grandes mechas de fios brancos. O vestido estava cortado na altura dos joelhos e já não tinha mangas. Percebi que, no chão, uma série de desenhos havia sido traçada, com cal, provavelmente. A visão geral não era agradável e, perceber os dois ambientes sem saber de fato qual era o real podia deixar um homem louco.

Exatamente como eu ficaria se não sumisse logo dali.

Acho que demorei demais para responder, pois, de repente, minha anfitriã pareceu bem contrariada.

– Sim, senhora, ao seu dispor! – autocontrole zero.

– Mama Belle não gosta de esperar tanto por uma simples resposta, mas já vi que o seu caso é diferente. E foi por isso que o atraí para o meu *saloon*.

Falar de si mesma em terceira pessoa é mau sinal, mau mesmo.

– Como assim me atraíu? Ninguém me atraíu para cá, eu só estou de passagem enquanto faço um serviço para...

– Eu o atraí, sim! Acredite o senhor ou não, eu o atraí, e por um bom motivo! Preciso que faça um servicinho para mim.

Era difícil resistir aos pedidos daquela mulher, ela exercia algum tipo de força sobre todos no *saloon* pelo que eu podia perceber. Tive de recorrer a toda minha força de vontade para retrucar suas palavras novamente.

– Apesar do que disse antes, eu não estou ao seu dispor! Estou no meio de um contrato e pretendo cumpri-lo até o fim. Portanto, se nos próximos dez minutos eu não tiver uma boa razão para lhe prestar esse servicinho, vou sumir daqui antes que você consiga dizer “detesto ser contrariada” ou algo do tipo.

Respirei fundo, esperando a fúria daquela mulher. Não que eu não seja corajoso, mas a mulher poderia gritar e, não sei se já disse antes, detesto gritos.

Para a minha surpresa, após alguns segundos de imobilidade, a moça/velha sorriu e pareceu tranquilizar-se. Pude, finalmente, soltar o ar dos pulmões.

– Bem que eles me falaram que você era diferente. É bom saber disso, pois talvez seja mesmo a pessoa certa. Venha comigo!

Sáímos do escritório e fomos para a sala ao lado.

O olho bom me mostrou uma sala simples, com duas poltronas confortáveis em posições opostas, afastadas cerca de dois metros uma da outra. O olho ruim mostrava dois banquinhos nas mesmas posições das poltronas, em meio a uma sala com o chão todo rabiscado. Alguns ossos de animais estavam espalhados pelo chão, e diversos frascos contendo líquidos estranhos repousavam pelos cantos. Alguns, pela cor, pareciam conter sangue, uns se encontravam em uma prateleira no

fundo da sala e outros continham estranhos pós. Um aroma adocicado misturado ao cheiro de algo estragado envolvia o local. Como eu estava muito cansado, tentei me concentrar no olho bom e sentar em uma das poltronas; os banquinhos pareciam desconfortáveis.

Sentamo-nos. Mama Belle cruzou as pernas e juntou as pontas dos dedos perto do rosto ao acomodar os cotovelos sobre os braços da poltrona. Ficou alguns segundos me observando, com as mãos juntas, os dedos de movendo, como uma aranha no espelho. Parecia mesmo uma aranha pronta a dar o bote em uma mosca. Como se sabe, o próximo passo seria injetar veneno e sugar o interior liquefeito da presa. Eu realmente precisava fazer alguma coisa.

– Ok. Vou ou não saber a razão que vai me fazer prestar o serviço? Já se passaram três minutos – tentei parecer irônico, mas acho que o tom saiu mais amedrontado do que eu planejava.

– Vai saber, sim, Senhor Profeta. Acho que o senhor ainda não compreendeu a sua situação.

– E que tal começar por esclarecer quem são “eles”, que falaram que eu era diferente? E diferente de quê?

– Tudo a seu tempo! – ela gritou, fazendo uma careta de dor.

Gelei.

– Vou começar do princípio para que o senhor entenda. Há cerca de vinte e cinco anos, este *saloon* era um local conhecido em toda a região, e eu era uma recém-chegada a esta outrora próspera cidade. Comecei

ajudando na cozinha e na arrumação dos poucos quartos que eram alugados pelo proprietário. William parecia uma boa pessoa, e era também chegado aos encantos femininos, fato que logo me fez ficar em sua mira. Em pouco tempo começamos um relacionamento e acabamos vivendo juntos por mais de um ano. Infelizmente, minha alegria não durou muito mais do que isso, pois William cansou-se de mim e me trocou pelo primeiro rostinho bonito que colocou os pés neste *saloon*. Voltei a ajudar na cozinha e a arrumar quartos. Você a conheceu, Lucy foi a que me sucedeu no coração dele. Entretanto, como era próprio de William ela também não ficou o suficiente para esquentar a cama. Por meses vimos as saias sucederem-se na cama de William e, apesar de inimigas, planejamos juntas uma vingança. Está me escutando?

Belle colocava a mão sobre o ventre e suava muito a essa altura, eu via isso por qualquer um dos olhos. Dessa vez não demorei para responder.

– Claro, continue.

– Fui criada no sul, em New Orleans. Minha mãe era originária do Haiti e praticava a religião vodu, coisa à qual eu nunca havia dado muita importância. Sempre procurei me integrar ao máximo à cultura local, tentava não ser diferente, bastava já não ter pai e ser mestiça – mãe haitiana e pai norte-americano. Mesmo assim, aprendi muito sobre o vodu ainda na infância. Minha mãe dizia que, em algum momento, eu seria chamada aos antigos ritos e deveria atender a esse chamado.

Senti o sangue ancestral me chamando quando precisei ensinar uma lição a William. Eu ainda tinha os livros de minha mãe escritos em francês, língua com a qual tenho alguma familiaridade. Guardava também muitos dos seus diários com anotações e desenhos, e me lembrava dos rituais dos quais ela participava e que eu assistia. Em poucos meses, fiz diversas experiências e percebi que tinha talento para a coisa.

Primeiro, ataquei a virilidade de William. Por semanas, as mulheres que ele trazia para cá só o deixavam mais enfurecido, pois ele não tinha sucesso em arrancar prazer das coitadas. Depois, tratamos da sua saúde. William passou a sofrer terrivelmente e a depender de nós duas para tudo, nem desconfiava que Lucy e eu colocávamos veneno na sua comida e a envolvíamos em rituais enquanto dormia. Não sei como aconteceu. Ainda hoje, passados mais de vinte anos, não consegui arrancar de Lucy se ela teve algum envolvimento na desconfiança que se instalou na mente de William. Talvez ele tivesse feito a ela alguma promessa de amor eterno, ou coisa do gênero, caso ela contasse algo que ele já pressentira, realmente não sei. Mas o fato é que em uma bela manhã, quando eu já me sentia a dona do local e William parecia depender principalmente de mim para tudo...

Mama Belle ofegava e esforçava-se para continuar falando. Eu não mexia um músculo.

– Quando me sentia dona da situação, poderosa, feliz por ter um *saloon* daquele nível e pessoas me adorando, William entrou nessa mesma sala, caminhando

com dificuldade e, tirando forças não sei de qual buraco obscuro de sua alma, assoprou em meu rosto um pó que tinha na mão direita. Assustada, inspirei aquela nuvem maldita e fiquei tossindo por alguns minutos. William desapareceu e fiquei me contorcendo de dor. Eu conhecia o veneno, era o mesmo que usávamos em pequeníssimas doses para debilitar a saúde dele. Na quantidade que eu havia inspirado, era morte certa em algumas horas, dez ou doze horas talvez, com um mínimo de sorte. Lembrei-me, então, de um feitiço sobre o qual eu já lera muito, mas que nunca pensara em utilizar devido à sua dificuldade e ao meu pouco conhecimento. Os livros, pelos quais eu o conhecia, descreviam parte do feitiço, mas mencionavam um ingrediente secreto perdido no tempo, sem o qual o feitiço não funcionaria. Era um feitiço de prolongamento da vida. Consultei avidamente, nas poucas horas que me restavam, tudo o que consegui reunir sobre o assunto. Eu haveria de sobreviver e caçaria William aonde quer que ele fosse. Descobriria também o envolvimento de Lucy e se fora ela que indicara a ele o pó venenoso. Tracei o desenho no chão, conjurei os espíritos e recitei as rezas mágicas. Um Loa, um espírito do tipo Petro, atendeu-me e disse que os ingredientes perdidos eram justamente uma mulher traída e a morte iminente da feiticeira, e que, no caso, eu poderia fazer os dois papéis no ritual. Identificou-se como Mestre Encruzilhada. Eu não conhecia ainda a fundo tudo que envolvia esses feitiços vodu, era uma iniciante, utilizava a religião vodu para meus propósitos egoístas e devo ter sido motivo de curiosidade para o espírito que atendeu

ao meu pedido. Mas eu estava disposta a tudo, não tinha opção, era isso ou a morte. O Loa atendeu meu pedido, porém, combinou-o com uma maldição: eu viveria, sim, por muito tempo, para sempre talvez, mas sempre o mesmo dia. Continuaría dona daquele *saloon*, sim, mas somente dele. Ele seria meu mundo e meu reino. Os frequentadores do *saloon* seriam meus eternos fregueses e súditos, e também condenados a viver comigo eternamente, repetindo as mesmas coisas todos os dias. Nem sei em que ano estamos, calculo que tenham se passado mais de vinte anos, e o meu coração continua preso naquele dia em que fui envenenada.

Percebi que Belle estava a ponto de gritar novamente, um daqueles gritos duplos que eu detestava e que habitavam meus pesadelos. Fui obrigado a fazer uma das duas coisas para as quais eu mais tenho talento. Girei nos calcanhares e disparei escada abaixo.

Aquela loucura toda era demais para mim, não queria saber de feiticeiras vodu, Loas ou feitiços de qualquer ordem, muito menos de traições, vinganças e mulheres enganadas. Essas últimas eram ainda mais perigosas do que qualquer ser sobrenatural. Quando cheguei, em disparada, à porta vai-e-vem do *saloon*, ainda pude ouvir o grito de Mama Belle. Atravessei-as voando.

Adentrei o *saloon* com um sentimento de *déjà vu*. O lugar estava movimentado e abafado. Um cheiro acre preenchia o local, mas eu não podia continuar minha jornada sem um prato de comida e alguns minutos